

A Lista de Convidados

Lucy Foley

Tradução de Maria Carmelita Dias



SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Capítulo 1. A noite do casamento

Capítulo 2. Aoife: *A cerimonialista*

Capítulo 3. Hannah: *A acompanhante*

Capítulo 4. Jules: *A noiva*

Capítulo 5. Johnno: *O padrinho*

Capítulo 6. Olivia: *A madrinha*

Capítulo 7. Jules: *A noiva*

Capítulo 8. Hannah: *A acompanhante*

Capítulo 9. Olivia: *A madrinha*

Capítulo 10. Aoife: *A cerimonialista*

Capítulo 11. A noite do casamento

Capítulo 12. Hannah: *A acompanhante*

Capítulo 13. A noite do casamento

Capítulo 14. Jules: *A noiva*

Capítulo 15. Johnno: *O padrinho*

Capítulo 16. Hannah: *A acompanhante*

Capítulo 17. A noite do casamento
Capítulo 18. Olivia: *A madrinha*
Capítulo 19. Johnno: *O padrinho*
Capítulo 20. Jules: *A noiva*
Capítulo 21. Aoife: *A cerimonialista*
Capítulo 22. Hannah: *A acompanhante*
Capítulo 23. Aoife: *A cerimonialista*
Capítulo 24. A noite do casamento
Capítulo 25. Jules: *A noiva*
Capítulo 26. A noite do casamento
Capítulo 27. Olivia: *A madrinha*
Capítulo 28. Aoife: *A cerimonialista*
Capítulo 29. Johnno: *O padrinho*
Capítulo 30. Jules: *A noiva*
Capítulo 31. Hannah: *A acompanhante*
Capítulo 32. Johnno: *O padrinho*
Capítulo 33. Aoife: *A cerimonialista*
Capítulo 34. Olivia: *A madrinha*
Capítulo 35. Jules: *A noiva*
Capítulo 36. Johnno: *O padrinho*
Capítulo 37. Hannah: *A acompanhante*
Capítulo 38. Aoife: *A cerimonialista*
Capítulo 39. A noite do casamento
Capítulo 40. Jules: *A noiva*
Capítulo 41. Olivia: *A madrinha*
Capítulo 42. Hannah: *A acompanhante*
Capítulo 43. Johnno: *O padrinho*
Capítulo 44. Hannah: *A acompanhante*

Capítulo 45. Johnno: *O padrinho*
Capítulo 46. Aoife: *A cerimonialista*
Capítulo 47. Jules: *A noiva*
Capítulo 48. Hannah: *A acompanhante*
Capítulo 49. A noite do casamento
Capítulo 50. Olivia: *A madrinha*
Capítulo 51. Jules: *A noiva*
Capítulo 52. Olivia: *A madrinha*
Capítulo 53. A noite do casamento
Capítulo 54. Hannah: *A acompanhante*
Capítulo 55. A noite do casamento
Capítulo 56. Aoife: *A cerimonialista*
Capítulo 57. Jules: *A noiva*
Capítulo 58. Olivia: *A madrinha*
Capítulo 59. A noite do casamento
Capítulo 60. Will: *O noivo*
Capítulo 61. Hannah: *A acompanhante*
Capítulo 62. Olivia: *A madrinha*
Capítulo 63. Jules: *A noiva*
Capítulo 64. Johnno: *O padrinho*
Capítulo 65. Aoife: *A cerimonialista*
Capítulo 66. Will: *O noivo*
Capítulo 67. A noite do casamento
Capítulo 68. Will: *O noivo*
Capítulo 69. Johnno: *O padrinho*
Capítulo 70. Aoife: *A cerimonialista*

Epílogo

[Capítulo 71. Olivia: *A madrinha*](#)

[Capítulo 72. Hannah: *A acompanhante*](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outro título da autora](#)

[Leia também](#)

*Para Kate e Robbie, os irmãos mais solícitos que uma garota poderia
desejar... Felizmente em nada parecidos com os irmãos e as irmãs deste
livro!*

AGORA

A noite do casamento

As luzes se apagam.

Em um segundo, tudo fica escuro. A banda para de tocar. Dentro da tenda, os convidados dão gritos estridentes e se agarram. A luz das velas nas mesas só aumenta a confusão, lançando sombras agitadas nas paredes de lona. É impossível ver onde estão as pessoas ou escutar o que dizem: além das vozes dos convidados, um vendaval começa a uivar.

Do lado de fora, há uma tempestade enfurecida, chiando por todo lado, açoitando a tenda. A cada golpe, a estrutura inteira arqueia e estremece com o rangido alto do metal; os convidados se encolhem, amedrontados. As abas da entrada se soltaram das amarras e começam a se sacudir. As chamas das tochas que iluminam a entrada dão risadinhas debochadas.

Parece pessoal, a tempestade. Como se tivesse guardado sua fúria para eles.

Não foi a primeira vez que a eletricidade falhou. Mas, na última, as luzes reacenderam em poucos minutos. Os convidados voltaram para suas danças, sua bebida, seus comprimidos, suas transas, sua comida, suas risadas... e se esqueceram de que tinha acontecido.

Havia quanto tempo já estavam sem luz? No escuro é difícil saber. Alguns minutinhos? Quinze? Vinte?

Eles começam a ficar com medo.

Essa escuridão parece agourenta, intencional. Como se qualquer coisa pudesse acontecer por baixo do seu manto.

★ ★ ★

Finalmente, as lâmpadas piscam e se acendem. Gritos e aplausos dos convidados, agora com vergonha de como foram encontrados: agachados como se prontos para se defender de um ataque. Dão risada, desdenhando da situação. Quase convencendo a si mesmos de que não estavam com medo.

Nas três tendas contíguas, o cenário iluminado, que deveria ser de celebração, está mais para um terreno desolado. Na área do jantar principal, o piso laminado está borrifado com coágulos de vinho; uma mancha carmim se espalha pelo linho branco. Todas as superfícies estão entulhadas com garrafas de champanhe, testemunhas de uma noite de brindes e comemorações. Um par de sandálias prateadas abandonado espreita por baixo de uma toalha de mesa.

Os músicos irlandeses voltam a tocar na tenda de dança — uma cantiga animada para restaurar o clima de festa. Muitos convidados vão correndo para lá, ansiosos por algum tipo de alívio. Com um olhar atento, é possível ver que no caminho um convidado pisou descalço em um caco de vidro e deixou pegadas de sangue, que já estão secando e ganhando uma cor de ferrugem. Ninguém percebe.

Outros convidados passam e se juntam nos cantos da tenda principal, nebulosos como fumaça de cigarro. Relutam em ficar, mas não querem pôr o pé para fora do santuário das tendas enquanto a tempestade ainda rugir. E ninguém pode deixar a ilha. Ainda não. Os barcos não podem atracar enquanto o vento não amainar.

No centro de tudo, está o enorme bolo. Ostentou a aparência perfeita e incólume diante de todos pela maior parte do dia, uma fileira de folhagens moldadas em açúcar reluzindo. Porém, apenas minutos antes de as luzes se apagarem, os convidados se reuniram em torno do bolo para assistir à cerimônia de sua evisceração. Agora parece que a massa fofa e vermelha escancara sua boca.

Então, chega um som diferente lá de fora. Quase pode ser confundido com o vento. Mas atinge altura e volume que não deixam nenhuma dúvida.

Os convidados ficam paralisados. Trocam olhares. De repente, voltam a ficar com medo. Mais ainda do que quando as luzes se apagaram. Todos sabem o que estão ouvindo. Um grito de pavor.

A véspera

AOIFE

A cerimonialista

Quase todos os padrinhos e familiares dos noivos já estão presentes. As coisas estão prestes a caminhar em outra marcha: esta noite haverá o ensaio, com convidados selecionados, então o casamento começa de fato hoje.

Coloquei o champanhe no gelo, para os aperitivos antes do jantar. É Bollinger vintage: oito garrafas, além do vinho para ser servido no jantar, e dois engradados de Guinness — tudo de acordo com as instruções da noiva. Não cabe a mim comentar, mas me parece um pouco exagerado. Contudo, são todos adultos. Tenho certeza de que sabem seus limites. Ou talvez não. O padrinho do noivo parece do tipo encrenqueiro — para falar a verdade, todos os padrinhos parecem. E a madrinha — meia-irmã da noiva —, já a vi vagando solitária pela ilha, curvada e apressada, como se estivesse tentando fugir de algo.

Você descobre todos os segredos íntimos fazendo esse tipo de trabalho. Vê coisas que ninguém mais tem o privilégio de ver. Todas as fofocas que os convidados matariam para descobrir. Como cerimonialista, não é possível *se dar ao luxo* de deixar escapar alguma coisa. Tem que estar alerta para qualquer detalhe, todos os turbilhões por baixo dos panos. Se eu não prestar atenção, qualquer marola pode crescer e se transformar em uma onda gigante, destruindo todo o meu

cuidadoso planejamento. E eis outra coisa que aprendi: às vezes, as marolas menores são as mais fortes.

Circulo pelas salas do andar inferior do Folly, acendendo os blocos de turfa nas lareiras, para garantir uma noite aquecida e sem chamas. Freddy e eu pegamos o costume de cortar e secar nossa própria turfa do pântano, como tem sido feito há séculos. O cheiro de fumaça e terra saindo do fogo nas turfeiras vai ajudar na ambientação. Acho que os convidados vão gostar. Mesmo no meio do verão, a ilha fica fresca à noite. As paredes de pedras antigas do Folly não deixam o calor entrar, e também não são muito boas em mantê-lo lá dentro.

Hoje o clima está surpreendentemente quente, ao menos para os padrões desta região, mas parece que não vai durar até amanhã. O finalzinho da previsão do tempo que peguei no rádio mencionava ventos. Esta área sempre recebe o impacto de qualquer evento climático; as tempestades costumam ser muito mais violentas aqui do que no continente, como se as nuvens se esvaziassem em cima de nós. O dia ainda está ensolarado, mas essa tarde o ponteiro do velho barômetro do corredor oscilou de BOM para INSTÁVEL. Eu o levei lá para baixo. Não quero que a noiva veja. Se bem que não tenho certeza se ela é o tipo de pessoa que entra em pânico. Parece mais daquelas que ficam com raiva e procuram alguém para culpar. Mas sei quem estaria na mira.

— Freddy — chamo em direção à cozinha —, o jantar vai começar logo?

— Vai — grita ele de volta —, está tudo sob controle.

Hoje o jantar vai ser inspirado em uma receita tradicional de sopa de peixe de Connemara: peixe defumado, molho bem cremoso. Eu provei na primeira vez em que visitei este lugar, quando ainda havia

gente aqui. O prato de hoje terá um toque mais sofisticado do que a receita original, já que vai ser servido para pessoas mais sofisticadas. Ou pelo menos suponho que elas gostem de *pensar* que são. Vamos ver o que acontece quando as bebidas começarem a bater.

— Então, temos que começar a preparar os canapés para amanhã — acrescento, repassando a lista na cabeça.

— Já estou providenciando.

— E o bolo, temos que montar tudo a tempo.

O bolo é um detalhe digno de nota. Tem que ser. Sei quanto custou. A noiva não hesitou diante do preço. Acredito que esteja acostumada a ter tudo do bom e do melhor. Quatro camadas de massa *red velvet* bem macia, envolta pelo branco imaculado da cobertura e decorada com folhagens de açúcar combinando com os arranjos de plantas da capela e da tenda. Extremamente delicado e confeccionado de acordo com as especificações exatas da noiva, veio direto de uma confeitaria exclusiva de Dublin: não foi fácil trazê-lo até aqui, atravessando o mar, intacto. Amanhã, é óbvio, vai ser destruído. Mas o que importa é o momento, a celebração do casamento. O que importa é esse dia único. Não o matrimônio, apesar do que todo mundo diz.

Veja, minha profissão se pauta em orquestrar a felicidade. Foi por isso que me tornei cerimonialista. A vida é uma droga. Todos sabemos. Coisas horríveis ocorrem, aprendi isso ainda criança. Mas não importa o que aconteça, a vida não passa de uma sucessão de dias, dos quais controlamos no máximo um por vez. Mas pelo menos *um* deles está sob nosso controle. Vinte e quatro horas podem ser organizadas. O dia da cerimônia de um casamento é uma parcela de tempo pequena e precisa, na qual posso criar algo completo e perfeito, para ser lembrado com carinho a vida toda, uma pérola de um colar partido.

Freddy sai da cozinha usando seu avental de açougueiro manchado.

— Como você está se sentindo?

Dou de ombros.

— Um pouco nervosa, para ser honesta.

— Você tem tudo sob controle, amor. Pense em quantas vezes já fez isso.

— Mas essa é diferente. Por causa de quem é...

Foi uma jogada de mestre, conseguir que Will Slater e Julia Keegan se casassem aqui. Já trabalhei em planejamento de eventos em Dublin. Estabelecer-me nesta ilha foi ideia minha, transformar a construção meio arruinada e decadente em uma elegante propriedade de dez quartos, com sala de jantar, sala de estar e cozinha. Freddy e eu moramos aqui, mas usamos apenas uma mínima fração do espaço quando estamos a sós.

— Shhh. — Freddy dá um passo à frente e me envolve em um abraço.

Sinto meu corpo se retesar a princípio. Estou tão focada na minha lista de tarefas que aquilo parece uma distração para a qual não temos tempo. Depois me permito relaxar em seu abraço, apreciar seu calor familiar e reconfortante. Freddy é bom de abraço. Ele é o que se poderia chamar de “fofinho”. Freddy gosta de comida: é o seu trabalho. Ele administrava um restaurante em Dublin antes de nos mudarmos para cá.

— Vai dar tudo certo — diz. — Prometo. Vai ser perfeito. — Ele beija minha cabeça.

Tenho uma experiência considerável no ramo. O problema é que nunca investi tanto em um evento. E a noiva é muito singular — o que, para ser justa, provavelmente tem relação com seu trabalho,

administrar a própria revista. Outra pessoa poderia ter ficado um pouco exausta com suas solicitações. Mas eu tenho gostado. Gosto de um desafio.

Bom, chega de falar em mim. Afinal, este fim de semana é do casal de pombinhos. A noiva e o noivo não estão juntos há muito tempo, ao que tudo indica. Como nosso quarto também fica no Folly, com os outros, pudemos ouvi-los na noite passada. “Jesus Cristo”, disse Freddy, quando nos deitamos. “Não consigo ficar ouvindo isso.” Eu sabia o que ele queria dizer. Estranho que os espasmos mais intensos de prazer possam soar como dor. Eles parecem bem apaixonados, mas uma pessoa cínica poderia concluir que é *por isso* que aparentemente não conseguem tirar as mãos um do outro. Uma luxúria total poderia ser uma descrição mais precisa.

Freddy e eu estamos juntos há quase duas décadas, e mesmo agora existem coisas que não conto para ele, e vice-versa, tenho certeza. Imagine então aqueles dois, o quanto se conhecem de verdade.

Será que sabem mesmo todos os segredos obscuros um do outro?

HANNAH

A acompanhante

As ondas sobem na nossa frente, a crista branca. Está um lindo dia de verão no continente, mas aqui está bem agitado. Alguns minutos atrás, deixamos a segurança do cais e logo em seguida a água pareceu assumir uma coloração mais escura e as ondas cresceram alguns metros.

É a última noite antes do casamento, e estamos a caminho da ilha. Como “convidados especiais”, vamos dormir lá hoje. Estou ansiosa. Pelo menos... *acho* que estou. De qualquer maneira, preciso de um pouco de distração no momento.

— Segurem-se! — O grito vem da cabine do capitão, atrás de nós.

Mattie, esse é o nome do homem. Sem nem nos dar tempo para pensar, a pequena embarcação pula uma onda e cai direto na crista de outra. Um jorro de água nos atinge como se fosse um chafariz.

— Meu Deus! — grita Charlie, e vejo que ele ficou ensopado.

Milagrosamente, só me molhei um pouquinho.

— Sentiram umas gotinhas aí? — grita Mattie.

Dou risada, mas tive que forçar, porque foi bem assustador. O movimento do barco, para a frente e para trás, e para um lado e para outro, tudo ao mesmo tempo, revira meu estômago.

— Uff — digo, sentindo o enjoo me invadir.

Pensar no lanche que fizemos antes de entrar no barco de repente me dá vontade de vomitar.

Charlie olha para mim, põe uma das mãos no meu joelho e dá um

aperto.

— Ah, meu Deus. Já começou?

Eu sempre tenho náuseas horríveis com movimento. Náuseas com tudo, na verdade; quando eu estava grávida, foi pior ainda.

— Uh-hum. Tomei remédio, mas ainda não fez efeito.

— Olhe — diz Charlie, rápido —, vou ler a respeito desse lugar, para mudar o foco da sua atenção. — Ele desliza a tela do telefone.

Como bom professor, meu marido baixou um guia. O barco dá uma guinada brusca de novo, e o iPhone quase sai voando de sua mão. Ele solta um palavrão e o segura com ambas as mãos; não temos dinheiro para outro.

— Não tem muita coisa aqui — conclui ele, com certo tom de desculpas, quando a página acaba de carregar. — Uma porção de coisas sobre Connemara, sim, mas sobre a ilha especificamente... Suponho que seja pequena demais... — Ele encara a tela como se desejando que ela mostrasse algo. — Ah, aqui, encontrei uma coisa. — Pigarreia, depois começa a ler com a voz que, acho eu, deve usar em suas aulas. — Inis an Amplóra, ou Ilha Cormorant, tem pouco mais de três quilômetros de uma extremidade à outra, sendo mais longa do que larga. É formada por um morro de granito que emerge *majestosamente* do Atlântico, a vários quilômetros do litoral de Connemara. Um grande pântano composto de turfa cobre a maior parte da superfície. A melhor maneira de visitar a ilha, e, na verdade, a única, é com um barco particular. O canal entre o continente e a ilha tem dias especialmente agitados...

— Eles têm razão quanto a isso — murmuro, me agarrando na lateral da embarcação enquanto balançamos para cima de outra onda e despencamos de novo. Meu estômago dá outra cambalhota.

— Posso contar mais do que isso! — grita Mattie da cabine. Eu não tinha percebido que dava para nos ouvir de lá. — Vocês não vão descobrir muita coisa sobre Inis an Amplóra em um guia.

Charlie e eu nos arrastamos até mais perto da cabine para escutar melhor. Ele tem um sotaque forte encantador, o Mattie.

— As primeiras pessoas que se instalaram na ilha, pelo que se sabe, faziam parte de uma seita religiosa perseguida pelas pessoas do continente.

— Ah, sim — diz Charlie, olhando o guia. — Acho que vi alguma coisa sobre isso no artigo...

— Nem tudo está aí — insiste Mattie, franzindo a testa e claramente pouco impressionado pela interrupção. — Moro neste lugar desde que nasci, sabe, e minha família está aqui há séculos. Posso contar mais do que esse pessoal da internet.

— Desculpe — diz Charlie, constrangido.

— Mas enfim. Vinte anos atrás, mais ou menos, os arqueólogos descobriram as pessoas. Todas juntas no pântano de turfa, lado a lado, bem apertadas. — Algo me diz que ele está se divertindo. — Corpos perfeitamente preservados, é o que dizem, porque não existe ar lá embaixo. Foi um massacre. Foram golpeadas até a morte.

— Ah — diz Charlie, me dando uma espiada —, não tenho certeza...

Tarde demais, a ideia já está na minha cabeça: cadáveres enterrados há muito tempo emergindo da terra preta. Tento não pensar nisso, mas as imagens não cedem, como um vídeo travado. O golpe de náusea que recebo ao montarmos em mais uma onda é quase um alívio, exigindo todo o meu foco.

— E ninguém mora lá agora? — pergunta Charlie, com toda a sua

sagacidade, tentando mudar de assunto. — Além dos novos proprietários?

— Não — responde Mattie. — Ninguém, a não ser os fantasmas.

Charlie toca na tela.

— Diz aqui que a ilha esteve habitada até a década de 1990, quando os últimos moradores decidiram voltar ao continente em busca de água corrente, eletricidade e vida moderna.

— Ah, é o que diz aí, é? — comenta Mattie, como quem acha graça.

— Por quê? — pergunto, depois de reencontrar a voz. — Por que mais eles sairiam?

Mattie parece prestes a falar, mas muda de expressão.

— Tomem cuidado! — ruge.

Charlie e eu conseguimos segurar no parapeito segundos antes de o barco despencar como se não houvesse nada embaixo. Somos jogados em todas as direções por uma sequência de ondas. Meu Deus do Céu.

Nesses casos de enjoo por movimento, o que ajuda é olhar para um ponto fixo. Tento mirar na ilha. Durante toda a viagem, desde que saímos do cais, ela esteve à vista, uma mancha azulada no horizonte, no formato de uma bigorna achatada. Jules não escolheria um lugar nada menos que surpreendente, mas não consigo deixar de sentir que a silhueta escura da ilha parece corcunda e mal-humorada, em contraste com o dia ensolarado.

— Bem impressionante, não é? — comenta Charlie.

— Hmmm — digo, sem me comprometer. — Bom, vamos torcer para que haja água encanada e eletricidade hoje em dia. Vou precisar de um bom banho depois disso.

Charlie abre um sorriso.

— Conhecendo Jules, se ainda não tinham instalado encanamento e energia elétrica, providenciaram isso para ontem. Você sabe como ela é. Muito eficiente.

Sei que não foi a intenção de Charlie, mas pareceu uma comparação. Eu *não* sou a pessoa mais eficiente do mundo. Parece que não consigo entrar em um cômodo sem fazer bagunça, e, desde que tivemos filhos, nossa casa é um caos permanente. Quando recebemos visita — o que é raro —, acabo enfiando as coisas nos armários e fecho as portas; a sensação é de que a casa inteira está prendendo a respiração, tentando não explodir. Quando fomos jantar pela primeira vez na elegante casa vitoriana de Jules, em Islington, parecia coisa de revista; da revista *dela* — uma publicação on-line chamada *The Download*. Eu só ficava pensando que ela talvez fosse me esconder em algum lugar, certa de que eu não tinha nada a ver com aquele ambiente, com meus dois centímetros de raiz escura no cabelo e roupas de lojas populares. Até me vi tentando amenizar o sotaque, suavizar as vogais bem marcadas típicas de Manchester.

Nós não podíamos ser mais diferentes, Jules e eu. As duas mulheres mais importantes da vida do meu marido. Inclino um pouco o corpo pela lateral do barco, respirando fundo a brisa do mar.

— Li um bocado sobre a ilha — continua Charlie. — Aparentemente, aqui tem praias de areia branca, que são famosas nessa parte da Irlanda. E a cor da areia significa que a água nas enseadas assume um lindo tom turquesa.

— Ah — digo. — Bem, soa melhor do que um pântano de turfa.

— É. Quem sabe a gente não consegue nadar um pouco? — Charlie sorri.

Observo a água, que está mais para verde-ardósia do que turquesa, e

sinto um arrepio. Mas eu nado na praia de Brighton, que nada mais é do que o Canal da Mancha, certo? Mesmo assim, lá parece tão mais calmo do que este mar selvagem e brutal.

— Vai ser bom ter este fim de semana de diversão, não é? — diz Charlie.

— Vai, sim. Espero que sim. — Este vai ser o mais perto do que poderemos chamar de férias por um bom tempo. E, nesse exato momento, estou realmente precisando. — Não consigo imaginar por que Jules escolheria uma ilha aleatória na costa da Irlanda. — É particularmente do feitio *dela* escolher algo tão exclusivo que seus convidados podem realmente se afogar tentando chegar lá. — Não é como se ela não pudesse se dar ao luxo de escolher qualquer lugar que quisesse.

Charlie franze a testa. Ele não gosta de falar de dinheiro, fica constrangido. É uma das coisas que me fazem amá-lo. Só que às vezes, apenas às vezes, não consigo deixar de imaginar como seria ter um pouquinho mais. Nós sofremos para decidir o que comprar da lista de presentes e até tivemos uma briguinha por causa disso. Nosso limite normalmente é cinquenta libras, mas Charlie insistiu que tínhamos que gastar mais, porque ele e Jules são amigos de longa data. Chegamos a um acordo de cento e cinquenta libras, mas, como todos os itens eram da Liberty's, só conseguimos comprar uma tigela de cerâmica bem banal. Havia até uma *vela perfumada* de duzentas libras.

— Você conhece a Jules — diz Charlie, enquanto o barco pula de novo, bate em algo muito mais duro do que apenas água e, para finalizar, ricocheteia um pouco para cima e para os lados. — Ela gosta de fazer tudo diferente. E pode ser porque o pai dela é irlandês.

— Achei que ela não se desse bem com o pai.

— É mais complicado do que isso. Ele nunca foi muito presente, e é um imbecil, mas acho que ela sempre meio que o idolatrou. Foi por isso que ela quis que eu lhe ensinasse a velejar anos atrás. O pai tinha um iate, e ela queria deixá-lo orgulhoso.

É difícil imaginar Jules na posição subalterna de querer deixar alguém orgulhoso. Sei que o pai é um importante empresário do ramo imobiliário, um homem que venceu na vida por conta própria. Como filha de um condutor de trem e uma enfermeira, que cresceu com dinheiro curto, fico fascinada por — e um pouco desconfiada de — pessoas que ganham rios de dinheiro. Para mim, são de uma espécie completamente diferente, uma raça de grandes felinos inconstantes e perigosos.

— Ou talvez tenha sido escolha do Will — sugiro. — É mais a cara dele, isso de ficar longe de casa. — Senti uma pontada de empolgação na barriga com a perspectiva de conhecer alguém tão famoso.

É difícil pensar no noivo de Jules como uma pessoa completamente real.

Estou acompanhando o programa escondida. É muito bom, embora seja difícil ser objetiva. Fico fascinada pela ideia de Jules estar com esse homem... tocando-o, beijando-o, dormindo com ele. Prestes a se *casar* com ele.

A premissa básica do programa, *Sobreviva à Noite*, é que Will é deixado em algum lugar, amarrado e com uma venda, no meio da noite. Em uma floresta, digamos, ou no meio de uma tundra do Ártico, sem nada além das roupas do corpo e talvez uma faca no cinto. Ele então tem que se libertar e dar um jeito de chegar até um ponto de encontro, usando apenas a astúcia e seus talentos de orientação. Há vários momentos dramáticos: em um episódio ele precisa cruzar uma

cachoeira no escuro; em outro, é perseguido por lobos. Às vezes, você de repente se lembra de que a equipe de filmagem está lá, de olho nele, filmando. Se as coisas realmente ficarem muito feias, com certeza vão entrar em campo para ajudá-lo, não é? Mas sem dúvida são bons em fazer o espectador sentir o perigo.

Quando menciono Will, o rosto de Charlie fica sombrio.

— Ainda não entendo por que ela vai se casar com ele em tão pouco tempo. Mas acho que a Jules é assim mesmo. Quando toma uma decisão, age logo. Pode anotar o que eu digo, Han: ele está escondendo alguma coisa. Não acho que ele seja tudo isso que finge ser.

É por isso que vejo o programa em segredo. Sei que Charlie não ia gostar. Às vezes, não consigo deixar de pensar que sua resistência a Will é um pouco por ciúme. Espero de verdade que *não* seja ciúme. Porque o que isso significaria?

Também pode ter a ver com a despedida de solteiro de Will. Charlie foi, o que me pareceu um erro, já que ele é amigo de Jules. Ele voltou do fim de semana na Suécia um pouco aborrecido. Toda vez que eu mencionava a despedida de solteiro, ele ficava todo esquisito e tenso. Então deixei para lá. Ele voltou são e salvo, não voltou?

O mar parece ficar ainda mais agitado. O velho barco pesqueiro está balançando e sendo jogado em todas as direções, como um touro mecânico, como se estivesse tentando nos atirar na água.

— Tem certeza de que é seguro seguir em frente? — grito para Mattie.

— Tenho! — grita ele de volta, acima do estrondo da água espirrando e do guincho do vento. — Este até que é um dia bom. Não

estamos longe de Inis an Amhlóra agora.

Posso sentir algumas mechas de cabelo molhadas e grudadas na testa, enquanto o restante parece ter se erguido em uma enorme nuvem de nós ao redor de minha cabeça. Faço uma ideia de como estarei ao chegar na ilha e encontrar Jules e Will e as demais pessoas.

— Cormorões! — grita Charlie, apontando.

Ele está tentando me distrair dos enjoos, eu sei. Sinto como se eu fosse um dos meus filhos sendo levados ao médico para tomar injeção. Mas acompanho seu dedo com o olhar e avisto uma cabeça escura lustrosa emergindo das ondas como o periscópio de um submarino em miniatura. Depois ela mergulha, virando apenas um rastro preto e ligeiro. Imagine como é se sentir tão à vontade em condições tão hostis.

— Li alguma coisa no artigo sobre os cormorões — diz Charlie. Pega o celular de novo. — Ah, aqui está. Pelo visto, são muito comuns nessa extensão da costa. — Ele adota a voz de professor: — O cormorão é uma ave muito difamada no folclore local. — Ah, meu Deus. — Historicamente, é representada como um símbolo para ganância, azar e maldade.

Ambos observamos o cormorão voltar a emergir da água, dessa vez com um peixinho em seu bico afiado, uma breve centelha prateada, antes que a ave abra a goela e engula a criatura por inteiro.

Meu estômago despenca. Sinto como se tivesse sido eu a engolir o peixe, rápido e escorregadio, nadando dentro da minha barriga. E, quando o barco começa a se inclinar em outra direção, me curvo para o lado e vomito o lanche no mar.

JULES

A noiva

Estou de pé em frente ao espelho do meu quarto, o maior e mais elegante dos dez quartos do Folly, como não poderia deixar de ser. Daqui basta virar o rosto alguns milímetros para avistar o mar pela janela. O tempo hoje está perfeito, o sol cintilando nas ondas brilha tanto que mal dá para olhar. É bom que esse maldito tempo fique assim até amanhã.

Nosso quarto fica na ala oeste do prédio, e esta é a ilha mais a oeste desta parte do litoral; por isso, não há nada, nem ninguém, por milhares de quilômetros, entre mim e as Américas. Tão dramático. Adorei. O Folly em si é uma construção do século XV belamente restaurada, no exato limite entre atemporalidade e luxo, grandiosidade e conforto: tapetes antigos no piso de pedra, banheiras com pés de garras, lareiras acesas com turfa de combustão lenta. É amplo o suficiente para acomodar todos os convidados, ainda que pequeno o suficiente para passar uma sensação de intimidade. É perfeito. Tudo vai ser perfeito.

Não pense no bilhete, Jules.

Não vou pensar no bilhete.

Porra. Porra. Não sei por que me afetou tanto assim. Nunca fui de me preocupar, de acordar às três da manhã ansiosa. Não até recentemente, pelo menos.

O bilhete foi deixado em nossa caixa de correio três semanas atrás.

Dizia para eu não me casar com Will. Para cancelar o casamento.

De algum modo, causou um efeito sombrio em mim. Só de pensar nisso me vem uma sensação amarga à boca do estômago. Uma espécie de pavor.

O que é ridículo. Em geral, não costumo perder mais do que dois segundos pensando nesse tipo de coisa.

Volto a olhar o espelho. No momento estou usando o vestido. O vestido. Achei importante experimentá-lo uma última vez, na véspera do meu casamento, para garantir. Tive uma prova semana passada, mas nunca deixo nada ao sabor do acaso. Conforme esperado, está perfeito. Seda creme pesada que parece ter sido fabricada no meu corpo, o corpete interior criando o efeito de ampulheta quintessencial. Nada de renda ou outros adereços vulgares, não sou assim. A seda é tão refinada que só pode ser manuseada com luvas brancas especiais, que, obviamente, estou usando agora. Custou uma fortuna. Valeu cada centavo. Não me interessa pela moda em si, mas respeito o poder das roupas de criar a visão perfeita. Percebi logo que este vestido era digno de uma rainha.

No final da noite, o vestido provavelmente estará imundo, nem mesmo eu poderei evitar isso. Mas depois vou mandar fazer a bainha até pouco abaixo do joelho e tingi-lo de um tom mais escuro. Se tenho alguma qualidade, é ser prática. Sempre, *sempre* mesmo, tenho um plano; sou assim desde criança.

Vou até o mapa das mesas alfinetado à parede. Will diz que pareço um general se preparando para o combate. Mas é importante, não é? A organização dos assentos pode salvar ou arruinar um casamento para os convidados. Sei que estará perfeito até o final da noite. Tudo se resume a um bom planejamento: foi assim que em dois anos transformei um

blog em uma revista on-line completa e respeitada, com uma equipe de trinta pessoas, a *The Download*.

A maioria dos convidados vai chegar amanhã para a cerimônia e depois vai retornar para seus hotéis no continente — adorei colocar nos convites “*barcos à meia-noite*” em vez do tradicional “*carruagens*”. Mas nossos convidados mais importantes vão se hospedar na ilha hoje e amanhã junto conosco, no Folly. Trata-se de uma lista de convidados bastante exclusiva. Will teve que escolher os preferidos entre seus muitos padrinhos. Já para mim não foi tão difícil porque só tenho uma madrinha — minha meia-irmã Olivia. Não tenho muitas amigas mulheres. Não tenho tempo para fofocas. E mulheres juntas me fazem lembrar demais da panelinha de garotas populares que nunca me acolheu na escola. Foi surpreendente ver tantas mulheres na despedida de solteira — mas, para falar a verdade, quase todas eram funcionárias da *The Download*, que organizaram uma despedida surpresa não inteiramente bem-vinda; ou esposas e namoradas dos colegas de Will. Meu melhor amigo é um homem: Charlie. Na verdade, neste final de semana, ele vai ser o *meu* padrinho.

Charlie e Hannah estão a caminho da ilha agora, os últimos dos convidados a chegar hoje. Será tão bom ver o Charlie. Parece que faz tanto tempo desde a última vez em que reunimos apenas os adultos, sem os filhos por perto. Antigamente, costumávamos nos ver o tempo todo — mesmo depois de ele se juntar a Hannah. Ele sempre tinha tempo para mim. Porém, quando os filhos nasceram, parece que se mudou para outro reino, onde tarde da noite significa onze horas e qualquer programa sem os filhos tem sempre que ser cuidadosamente orquestrado. Foi só então que comecei a sentir falta dele só para mim.

— Você está deslumbrante.

— Ah! — Dou um pulo, depois o vejo no espelho: Will. Ele está na porta, me observando. — Will! — Sibilo. — Estou com o vestido! Saia daqui! Você não pode me ver...

Ele não se mexe.

— Não tenho permissão para uma prévia? Agora eu já vi. — Ele vem na minha direção. — Não adianta chorar sobre a seda derramada. Você está... *meu Deus...* Mal posso esperar para ver você subindo no altar vestida assim. — Ele para atrás de mim, agarrando meus ombros nus.

Eu deveria estar lívida. E *estou*. No entanto, posso sentir minha indignação vacilar. Porque as mãos dele estão em mim agora, descendo dos ombros até os braços, e sinto aquele primeiro arrepio de anseio. Eu relembro a mim mesma de que estou longe de ser supersticiosa com essa história de o noivo ver o vestido de noiva antes do casamento; nunca acreditei nesse tipo de coisa.

— Você não deveria *estar* aqui — digo, irritada.

Mas minha voz já sai um pouco sem convicção.

— Olhe só para nós dois — diz ele, quando nossos olhares se encontram no espelho, e desliza um dedo pelo meu rosto. — Não formamos um belo casal?

E Will tem razão, formamos, sim. Eu, tão branca e de cabelo escuro; ele, tão louro e bronzeado. Somos o casal mais atraente de qualquer lugar. Não posso fingir que não faz parte da emoção pensar na imagem que exibimos para o mundo... e para os nossos convidados amanhã. Lembro das garotas da escola, que zombavam de mim por ser uma nerd gordinha (eu me desenvolvi tarde), e penso: *Olhem quem está rindo agora.*

Ele morde a pele nua de meu ombro. Uma onda de desejo desce

por minha barriga, um elástico rompido. Com isso, lá se vai minha última resistência.

— Já acabou com isso? — Ele olha o mapa das mesas por trás de mim.

— Ainda não decidi totalmente onde vou colocar todo mundo.

Ele inspeciona o mapa em silêncio, sua respiração quente no meu pescoço, enroscando-se em minha clavícula. Sinto o perfume de sua loção pós-barba: cedro e musgo.

— Nós convidamos o Piers? — pergunta de modo tranquilo. — Não me lembro de ver o nome dele na lista.

Eu me controlo para não revirar os olhos. Fui *eu* que fiz todos os convites. Fui *eu* que refinei a lista, escolhi a gráfica, compilei todos os endereços, comprei os selos, coloquei no correio, um por um. Will estava longe a maior parte do tempo, gravando a série nova. Muito de vez em quando, ele lançava um nome, alguém que se esquecera de mencionar. Acredito que Will tenha realmente verificado a lista toda no final, com muito cuidado, afirmando que não queria se esquecer de ninguém. Piers foi um nome adicionado de última hora.

— Ele não estava na lista — admito. — Mas encontrei a esposa dele naquele coquetel no Groucho. Ela perguntou sobre o casamento e parecia muita maluquice não convidá-los. Sabe, por que não?

Piers é o produtor do programa de Will. É um rapaz simpático, e parece que eles dois sempre se deram bem. Não precisei pensar duas vezes antes de estender a lista de convidados.

— Tudo bem — diz Will. — Sim, claro que faz sentido. — Mas sua voz deixa transparecer certa irritação.

Por algum motivo, ele não gostou.

— Olhe, querido — digo, enroscando um braço ao redor de seu

pescoço. — Achei que você ficaria satisfeito por ter o Piers e a esposa aqui. Certamente eles ficaram felizes com o convite.

— Não me importo — responde, cauteloso. — Fiquei surpreso, só isso. — Ele leva a mão até minha cintura. — Não me importo nem um pouco. Na verdade, é uma surpresa *boa*. Vai ser bom que eles venham.

— Tudo bem. Então, vou colocar maridos e esposas um ao lado do outro. Será que funciona?

— O eterno dilema — debocha ele.

— Meu Deus, eu sei... mas as pessoas realmente ligam para esse tipo de coisa.

— Bem, se nós fôssemos convidados, eu sei onde gostaria de estar sentado.

— Ah, é?

— Bem na sua frente, para poder fazer isso. — Ele ergue a saia de seda e enfia a mão por baixo.

— Will — digo —, a seda...

Seus dedos encontram a beirada da minha calcinha.

— Will! — exclamo, semiaborrecida. — O que você acha que...

Então seus dedos entram na minha calcinha e começam a deslizar contra o meu corpo, e já não estou mais especialmente preocupada com a seda. Minha cabeça despenca em seu peito.

Isso não é nem um pouco do meu feitio. Não sou o tipo de pessoa que fica noiva de alguém que conhece há poucos meses... ou que se casa com essa pessoa mais alguns meses depois. Mas posso argumentar que não é uma atitude precipitada, ou impulsiva, como imagino que algumas pessoas pensem. Muito pelo contrário. É conhecer sua própria cabeça, ter certeza do que quer e correr atrás disso.

— Podíamos transar agora mesmo — sussurra Will, com a voz quente no meu pescoço. — Temos tempo, não é?

Tento responder *não*, mas, como seus dedos continuam em sua missão, minha resposta é um gemido longo.

Com qualquer parceiro, fico entediada em questão de semanas, o sexo rapidamente se torna monótono, repetitivo. Com Will, sinto como se nunca estivesse saciada — mesmo quando, no sentido mais básico, fico mais saciada do que jamais estive com qualquer outro. Não é questão de beleza, apesar de Will ser, sem sombra de dúvida, absurdamente lindo. Essa sensação de querer sempre mais vai muito além disso. Tenho consciência da vontade de possuí-lo. De cada ato sexual ser uma tentativa de posse que nunca chega a se concretizar, porque uma parte essencial dele sempre foge do meu alcance, escorre pelos meus dedos.

Será que tem a ver com a fama? Será que depois de virar celebridade você se torna, em certo sentido, domínio público? Ou será algo mais, algo fundamental a respeito dele? Secreto e indecifrável, invisível a olho nu?

É inevitável que esse pensamento faça eu me lembrar do bilhete. *Não vou pensar no bilhete.*

Os dedos de Will não param.

— Will — digo, sem forças —, alguém pode entrar.

— Não é emocionante? — sussurra ele.

Sim, suponho que seja. Will definitivamente ampliou meus horizontes sexuais. Ele me apresentou ao sexo em espaços públicos. Já transamos em um estacionamento noturno, na última fileira de um cinema quase vazio. Quando me recordo, fico impressionada comigo mesma: não consigo acreditar que fiz essas coisas. Julia Keegan não

transgride as leis.

Ele também é o único homem que teve permissão de me filmar nua — uma vez até no meio da transa. Só concordei depois que ficamos noivos, é óbvio. Não sou uma completa idiota. Mas Will tem esse fetiche. Não que eu goste, exatamente, mas representa uma perda de controle, e em todos os meus outros relacionamentos eu era a pessoa no controle. De certa maneira, essa perda é intoxicante. Escuto Will abrir o cinto, e só esse som já me dá uma descarga elétrica. Ele me empurra para a frente, contra a penteadeira, um pouco bruto. Agarro o móvel. Sinto que ele está posicionado, prestes a me penetrar.

— Oi? Tem alguém aí? — A porta se abre com um rangido.

Merda.

Will se afasta de mim, dá para ouvi-lo agarrando a calça jeans, puxando o cinto. Deixo minha saia cair. Eu me viro para olhar, quase sem coragem.

Lá está um homem, recostado na porta: Johnno, o padrinho de Will. Quanto ele terá visto? *Tudo?* Sinto um calor subindo para as minhas bochechas e fico furiosa comigo mesma. Furiosa com ele. Eu *nunca* fico corada.

— Desculpe, amigos — diz Johnno. — Estou interrompendo alguma coisa? — Aquilo é um risinho malicioso? — Ah... — Ele percebe o vestido que estou usando. — Este é...? Isso não dá azar?

Eu gostaria de pegar um objeto pesado e atirar nele, gritar para ele ir embora. Mas com toda a minha educação digo:

— Ah, pelo amor de Deus!

E espero que meu tom de voz transmita a pergunta: *Pareço o tipo de cretina que acreditaria em uma coisa dessas?* Ergo a sobrancelha, cruzo os braços. Já estou craque no jogo da sobrancelha erguida: me rende

resultados fantásticos no trabalho. Eu o *desafio* a dizer mais uma palavra. Apesar de todas as suas fanfarrices, acho que Johnno tem um pouco de medo de mim. As pessoas, em geral, têm medo de mim.

— Nós estávamos repassando o mapa das mesas — explico. — Foi isso que você interrompeu.

— Bom. Sou um imbecil mesmo... — Posso ver que ele está um pouco acuado. Ótimo. — Acabei de perceber que esqueci uma coisa superimportante.

Sinto meu coração começar a bater mais rápido. Que não sejam as alianças. Eu disse para Will não confiar as alianças a ele até o último minuto. Se ele tiver esquecido as alianças, não poderei ser responsabilizada pelos meus atos.

— É o meu terno — continua Johnno. — Eu já tinha deixado tudo pronto para a viagem... e então, no último minuto... Bom, não sei o que aconteceu. Tudo o que sei é que deve estar pendurado na minha porta, na Inglaterra.

Desvio o olhar enquanto eles saem do quarto, me concentrando ao máximo para não dizer nada de que vá me arrepender. Tenho que controlar os ânimos neste fim de semana. Tenho fama de deixar meus nervos subirem à cabeça. Não me orgulho disso, mas nunca fui capaz de controlá-los completamente, apesar de estar melhorando. A raiva não cai bem em nenhuma noiva.

Não entendo como Will é amigo de Johnno, e por que ainda não o cortou de sua vida. Definitivamente, não é pela conversa espirituosa. O rapaz é inofensivo, acho... pelo menos, imagino que seja. Mas os dois são tão diferentes. Will é tão motivado, bem-sucedido, se porta com tanta elegância. Johnno é um desleixado. Largado na vida. Quando nós o apanhamos na estação de trem no continente, ele fedia a maconha e

parecia ter dormido ao relento. Eu esperava que ele tivesse pelo menos se barbeado e cortado o cabelo antes de vir. É pedir muito que o padrinho do seu noivo não se pareça com um homem das cavernas? Mais tarde, vou mandar Will ir até o quarto dele com um barbeador.

Will é bom demais para Johnno. Aparentemente, até conseguiu um teste para ele em *Sobreviva à Noite*, o que, é óbvio, não deu em nada. Quando lhe perguntei por que insistia em Johnno, Will resumiu com uma única palavra: “história”.

“Nós não temos muito em comum hoje em dia. Mas já passamos por muita coisa juntos”, disse ele.

Will, porém, pode ser bem cruel. Para ser franca, é provável que isso tenha sido uma das coisas que me atraíram nele quando nos conhecemos, uma das coisas que imediatamente reconheci como um traço comum entre nós dois. Apesar de sua aparência estonteante, seu sorriso cativante, o que me pegou mesmo foi a ambição que senti vindo dele, por baixo de todo o charme.

Então, é isso o que me preocupa. Por que Will manteria um amigo como Johnno simplesmente por causa do passado? A não ser que o passado tenha algum domínio sobre ele.

JOHNNO

O padrinho

Will sai pelo alçapão carregando um engradado de Guinness. Estamos no parapeito do Folly olhando pelos merlões entre as ameias. O chão está muito distante lá embaixo, e algumas pedras aqui estão bem soltas. Nada agradável para quem tem medo de altura. Daqui dá para ver até o continente. Eu me sinto um rei, com o sol batendo no rosto.

Will pega uma lata e abre.

— Saúde.

— Ah, que coisa boa. Obrigado, cara. E desculpe ter interrompido vocês lá. — Dou uma piscadela. — Mas deveriam esperar até depois do casamento, não?

Will levanta as sobrancelhas, todo inocente.

— Não sei do que você está falando. Jules e eu estávamos conferindo o mapa de lugares.

— Ah, é? É assim que chamam agora? Mas, sério, desculpe pelo terno, cara. Estou me sentindo um idiota por ter esquecido. — Quero que ele saiba que me sinto mal, que estou levando a sério o meu papel de padrinho. De verdade, quero deixá-lo orgulhoso.

— Não tem problema — diz Will. — Não tenho certeza se meu terno extra vai servir, mas pode experimentar.

— Tem certeza de que a Jules não vai se importar? Ela não pareceu muito feliz.

— Que nada. — Will faz um gesto de dispensa com a mão. —

Depois ela esquece.

Portanto, presumo que ela não esteja mesmo muito feliz com isso, mas vai deixar para lá.

— Ótimo. Obrigado, cara.

Ele toma um grande gole da Guinness e se debruça no muro de pedra atrás de nós. Então parece se lembrar de alguma coisa.

— Ah. Por acaso, você viu a Olivia? A meia-irmã da Jules? Ela toda hora some. É um pouco... — Ele faz um gesto de “lelé”, que é o que realmente quer dizer, mas completa: — Frágil.

Conheci Olivia mais cedo. Ela é alta e tem cabelo preto, uma boca grande e emburrada e pernas que vão até as axilas.

— Que pena — digo. — Porque... Bem, não me diga que você não percebeu?

— Johnno, ela tem dezenove anos, pelo amor de Deus. Não seja nojento. Além disso, ela também é a irmã da minha noiva.

— Dezenove anos, então está dentro da lei — retruco, só para provocar. — É a tradição, não é? O padrinho pode escolher a madrinha. E só tem uma, então não tenho muita escolha...

Will franze a boca como se tivesse provado alguma coisa ruim.

— Não acho que essa regra se aplica quando elas têm quinze anos a menos que você, seu babaca.

Ele está todo puritano agora, mas sempre teve um olho bom para mulheres. E elas também sempre ficaram de olho nele, sortudo maldito.

— Ela está fora de questão, entendeu? Bota isso na sua cabeça oca. — Ele bate na minha cabeça com a junta dos dedos.

Eu não gostei desse “cabeça oca”. Não sou necessariamente o cara mais inteligente do pedaço. Mas também não gosto de ser tratado

como burro. Will sabe disso. Era uma das coisas que sempre me irritavam na escola. Mas só dou risada. Sei que ele não falou por mal.

— Olha — insiste ele. — Não posso permitir que você cometa o erro de dar em cima da minha cunhada adolescente. Jules me *mataria*. E mataria você também.

— Tudo bem, tudo bem.

— Além do mais — Will abaixa a voz —, para completar, ela é, sabe... — ele faz o gesto de novo. — Deve ter puxado da mãe. Ainda bem que Jules não puxou esse lado da família. De qualquer forma, sai fora, está bem?

— Certo, certo... — Tomo um gole da minha Guinness e solto um grande arroteo.

— Você tem conseguido escalar ultimamente? — pergunta Will, claramente tentando mudar de assunto.

— Não. Na verdade, não. Por esse motivo ganhei isso aqui. — Dou um tapa na barriga. — Difícil encontrar tempo quando não se está sendo pago para isso, como você.

O engraçado é que sempre fui eu que gostei mais dessas coisas. Tudo ligado ao ar livre. Até recentemente, era o meu ganha-pão também. Trabalhava em um centro de aventuras no Lake District.

— É. Acho que sim — responde Will. — Engraçado. Não é tão divertido quanto parece, na verdade.

— Duvido muito, cara. Você recebe para fazer a melhor coisa da vida.

— Bem, sabe como é... Não é tão autêntico, tem muito jogo de câmera...

Aposto que ele usa um dublê para fazer as coisas mais difíceis. Will nunca gostou de sujar as mãos. Ele alega que treinou muito para o

programa, mas ainda assim...

— E tem a questão do cabelo e da maquiagem — continua ele —, o que parece ridículo quando se está gravando um programa sobre sobrevivência.

— Aposto que você ama isso tudo — digo com uma piscadela. — Você não me engana.

Ele sempre foi um pouco vaidoso. Digo isso com carinho, claro, mas gosto de deixá-lo irritado. Ele é um sujeito bonito e sabe disso. É fácil ver que todas as roupas que ele está usando hoje, até mesmo a calça jeans, são coisas finas, caras. Talvez seja influência de Jules: ela mesma é uma mulher estilosa, e posso imaginá-la arrastando Will para dentro de uma loja. Mas também não dá para imaginar que ele se oponha.

— Então — continuo, dando um tapinha nas costas dele. — Está preparado para se tornar um homem casado?

Ele abre um grande sorriso e assente.

— Estou. O que posso dizer? Estou de quatro por ela.

Fiquei surpreso quando Will me contou que ia se casar, não vou mentir. Sempre pensei nele como um cara boa-pinta e sociável. Nenhuma mulher resiste ao charme dele. Na despedida de solteiro, ele me contou de alguns encontros que teve, antes de Jules. “Quer dizer, de certa forma era bom demais. Quando entrei naqueles aplicativos, comecei a ter tantos lances com tantas mulheres diferentes, como eu nunca tinha visto antes, nem mesmo na faculdade. Eu tinha que fazer os exames a cada duas *semanas*. Mas algumas eram doidas, algumas eram grudentas, sabe? Não tenho mais tempo para tudo isso. E então Jules apareceu. E ela é... perfeita. Ela é tão segura de si, do que quer da vida. Nós somos iguais.”

Aposto que a casa em Islington também não fez mal, pensei, mas não falei. *O pai cheio da grana*. Não ousou fazer essas brincadeiras com ele — as pessoas ficam estranhas quando o assunto é dinheiro. Mas, se tem uma coisa de que Will sempre gostou, talvez até mais do que das mulheres, é dinheiro. Deve ser uma questão da infância, por nunca ter tido tanto quanto os outros garotos da nossa escola. Eu entendo. Ele estudava lá porque o pai era o diretor, enquanto eu entrei com uma bolsa de estudos de esportes. Minha família também não era nem um pouco rica. Fui descoberto jogando rúgbi em um campeonato escolar em Croydon aos onze anos e eles foram falar com meu pai. Esse tipo de coisa realmente acontecia na Trevs: era importante para eles montar um bom time.

Ouvimos uma voz lá embaixo.

— Ei, ei, ei! O que está acontecendo aí?

— Rapazes! — chama Will. — Venham para cá! Quanto mais melhor!

Saco. Por mim estava bom ficar a sós com Will.

Eles começam a sair do alçapão: os outros quatro padrinhos do noivo. Mudo de lugar para abrir espaço, assentindo para cada um deles que chega: Femi, depois Angus, Duncan e Pete.

— Porra, é alto aqui! — exclama Femi, olhando por cima do parapeito.

Duncan agarra os ombros de Angus e finge lhe dar um empurrão.

— Ô, salvei você!

Angus deixa escapar um grito agudo, e todos rimos.

— Não faça isso! — diz ele, irritado, se recuperando. — Meu Deus... isso é perigoso para caralho. — Ele se agarra na pedra como se sua vida dependesse disso e vem bem devagar se sentar perto de nós.